



SINOPSE:

Em 1916, em plena Primeira Guerra, a dançarina norte-americana Isadora Duncan chega ao Rio de Janeiro. É recebida pelo cronista João do Rio, o mais celebrado jornalista da cidade. Ambos revolucionários e surpreendentes em relação à sociedade vigente e seus valores estagnados são laureados e festejados com a mesma intensidade com que sofrem críticas avassaladoras e julgamentos injustos. Um jovem casal carioca, rico e enclausurado ao modo de vida das classes privilegiadas tem sua vida completamente mudada a partir do encontro com a dupla. Outro criador, vindo da Europa Central, também contribui para o abalo geral. O texto aborda a transformação pela arte, a visão liberta e visionária daqueles que se negam a ver o mundo através de lentes foscas e olhares convencionais.

ELENCO:

- Angela Rebello, Larissa Bracher, Leonardo Brício, Roberto Bomtempo e Xando Graça.

FICHA TÉCNICA:

- Texto e Direção: Caio de Andrade
- Co-diretora: Adriana Maia
- Diretora Assistente: Ana Zappa
- Cenário: Sérgio Marimba
- Figurino: Ernani Peixoto
- Iluminação: Renato Machado
- Preparação Corporal: Andréa Jabor
- Design Gráfico: Tita Nigrí
- Fotografia: Guga Melgar
- Produção Executiva: Regina Monteiro
- Direção de Produção: Sílvia Rezende
- Realização: Produtores Associados – Caio de Andrade e Sílvia Rezende.

TEATRO:

- Teatro do Centro Cultural Banco do Brasil – Brasília.
- Teatro do Centro Cultural Banco do Brasil – Rio de Janeiro e excursão nacional

PREMIAÇÕES:

- Prêmio Shell
- Indicação – Melhor Autor (Caio de Andrade)
 - Melhor Ator (Xando Graça)
 - Melhor Figurino (Ernani Peixoto)

CADERNO C

ENCONTRO AVASSALADOR

TEATRO

COM ESTRÉIA NACIONAL EM BRASÍLIA, *DESERTO ILUMINADO* CONTA A PASSAGEM DE ISADORA DUNCAN PELO BRASIL E A SUA APROXIMAÇÃO COM JOÃO DO RIO

RENATA CALDAS

DA EQUIPE DO CORREIO

Há duas semanas, o diretor e dramaturgo Caio de Andrade está em Brasília preparando a estréia nacional do espetáculo *Deserto Iluminado*, que acontece hoje, às 21h, no Centro Cultural Banco do Brasil. Cercado da equipe carioca e do elenco formado por atores como Roberto Bomtempo e Leonardo Brício, ele demonstra entusiasmo com o trabalho.

Deserto Iluminado resgata a passagem da dançarina Isadora Duncan pelo Brasil, em 1916. A peça recupera o encontro entre a bailarina, que revolucionou a história da dança, e o cronista João do Rio, personalidade marcante no jornalismo brasileiro. O Rio de Janeiro foi o cenário da união entre esses dois nomes que chacoalharam a sociedade da época em que viveram. Até hoje não ficou claro se esse encontro evoluiu para o romance.

Quando soube do suposto *afair*, o diretor Caio Andrade começou a vasculhar o universo dessas duas figuras. Assim, pesquisas históricas, biografias e textos da época ganharam forma de dramaturgia. "A cidade estava num momento conturbado, vivia uma modernidade imposta, com muitas reformas urbanísticas e valores europeus. Imaginei o que seria para aquela sociedade burguesa a presença de pessoas tão transformadoras", revela o diretor.

Diante da vida da dançarina norte-americana que tomou a Rússia como pátria, o diretor decidiu utilizar a questão da maternidade como fio condutor do espetáculo. "Isso me instigou muito, pois marcou profundamente a vida de Isadora. Ela perdeu dois dos seus filhos (*afogados*) e transformou todo o sofrimento em arte", acrescenta Caio.

Fora dos padrões

Altos e baixos sempre permearam a trajetória de Isadora Duncan. Períodos decadentes, de extrema pobreza e inúmeras dificuldades revezaram-se com momentos de fama e glória. Mas a postura da mulher que fugia dos padrões vigentes, negando o casamento e a instituição da família, era rejeitada pela maioria. Um exemplo desse comportamento é que cada um dos filhos de Isadora Duncan foi gerado por um pai diferente. Foi ainda um acontecimento trágico que levou a vida da bailarina, em 1927. Quando dirigia um carro, a *écharpe* vermelha de franjas que costumava utilizar se prendeu à roda do veículo, enforcando-a.

Em cena, quem vive Isadora Duncan é Angela Rebello. A responsabilidade de interpretar a dançarina que rompeu os padrões do balé clássico ao abandonar sapatilhas, soltar os cabelos e utilizar túnica transparente, é reconhecida pela atriz que destaca, ainda, o aspecto trágico da biografia de Duncan. "É uma personagem que me assustou a princípio. Ela foi muito

Divulgação



ELenco de *DESERTO ILUMINADO*: ROTEIRO BASEADO EM PESQUISAS SOBRE A TEMPORADA CARIOCA DE ISADORA DUNCAN

corajosa, não abria mão de seus ideais e sempre teve força para ultrapassar as dificuldades e, acima de tudo, para recriar. Para mim, ela não separou a dançaria da maneira como entendeu a vida. As vitórias e derrotas também estavam ali."

Contracenando com Angela Rebello está Xando Graça, no papel de João do Rio. Para o ator, viver o cronista carioca é uma gran-

de experiência. Trata-se de "um personagem muito corajoso, um homem à frente de seu tempo", diz. João do Rio conhecia de perto o preconceito por ser homossexual, negro e obeso. Rodeado pela equipe, ele revela que o ambiente de trabalho contribuiu para o resultado final do espetáculo: "Temos aqui uma amizade grande entre as pessoas e o ambiente de trabalho ajuda bastante."

A trama entre Isadora Duncan e João do Rio é completada pela presença de outras figuras — todas fictícias. Kóstya Olbrzimeck (interpretado por Leonardo Brício) é um jovem europeu que, vindo da guerra, revive uma aventura amorosa com Isadora. Foi recebendo a dupla que o jornalista João do Rio surgiu na história, formando um triângulo amoroso. Para completar, os

três tinham amigos em comum: o barão Juliano (Roberto Bomtempo) e Amália (Larissa Bracher), que representam um casal da aristocracia carioca.

Deserto Iluminado traz de volta ao teatro do CCBB os atores Angela e Xando, que inauguraram o espaço em 2000 na montagem de *O Aventureiro*. Outro trabalho em que ambos estiveram juntos foi *O Castiçal*, espetáculo com direção de Amir Addad que reuniu também Leonardo Brício.

O ator Roberto Bomtempo, acostumado a visitar Brasília para filmagens e festivais de cinema, diz que a convivência com o elenco na cidade é positiva para se aprofundar nos personagens. "Aqui temos oportunidade de nos concentrarmos mais. Quando você está na sua cidade se dispersa um pouco, dividindo-se com outras coisas", acredita. Depois da temporada em Brasília, *Deserto Iluminado* segue para o CCBB do Rio de Janeiro, onde se apresenta até setembro.

DESERTO ILUMINADO

Texto e direção: Caio de Andrade. Com Angela Rebello, Larissa Bracher, Leonardo Brício, Roberto Bomtempo e Xando Graça. Teatro do CCBB. De hoje a sábado, às 21h, e domingo, às 20h. Ingressos: R\$ 15 e R\$ 7,50 (meia). Até 22 de junho.

ESTADO DE MINAS



EM

CULTURA & LAZER

Ficção e realidade - Roberto Bontempo e Larissa Bracher (foto) estrelam "Deserto Iluminado". PÁGINA 5

Samba e consciência - A cantora e compositora Leci Brandão se apresenta hoje, na Estação do Som. PÁGINA 12

BELO HORIZONTE, SEXTA-FEIRA, 10 DE OUTUBRO DE 2003

ENCONTRO ENTRE ATRIZ LARISSA BRACHER E DRAMATURGO E DIRETOR CAIO DE ANDRADE VEM DO TRABALHO ANTERIOR, DE DOIS ANOS ATRÁS

AFINIDADES HISTÓRICAS

HELVÉCIO CARLOS

Dois anos separam a montagem de *Os Olhos Verdes do Cúme* e *Deserto Iluminado*, que faz temporada este fim de semana no Teatro Alterosa. Ambas são de Caio de Andrade e têm Larissa Bracher no elenco. "A amizade com o Caio é antiga. Desde que o conheci na Argentina, na época em que estava no elenco de *Chiquititas*, pensávamos, por causa da afinidade, em montar um texto", diz Larissa. "O Caio tem um uma peculiaridade: ele parte de um fato histórico, da realidade, para criar sua ficção. No caso de *Deserto Iluminado*, a história começa com o encontro entre João do Rio e a bailarina Isadora Duncan, no início do século passado", resume a atriz.

A ficção vem com doses de muito bom humor. Isadora, que na vida real perdeu quatro filhos, tem encontro marcado com Amélia, personagem de Larissa, que há cinco anos não consegue engravidar do marido, o Barão Porto Belo. "Este é o momento do espetáculo em que o texto atinge o público feminino. O encontro das duas perso-



DIVULGAÇÃO/ANDRÉ BORGES

REALIDADE E FICÇÃO

"Deserto Iluminado" põe em cena os tempos de João do Rio e Isadora Duncan

nagens fala da feminilidade", conta. Os momentos mais engraçados são as cenas de Roberto Bontempo, que interpreta o inspetor Fontini, com Xando Graça, que além de João do Rio faz o delegado Sabiá.

Mas não foi apenas esta afinidade que levou Larissa a trabalhar mais uma vez com Caio de Andrade, que também assina a direção do espetáculo. "Trabalhar com praticamente a mesma equipe de *Olhos Verdes do Cúme* é ótimo. Foi um grupo que deu certo. O espetáculo obteve boa repercussão junto à crítica e ao público e, principalmente, nos hastidores. Houve

uma comunhão em todos os pilares de uma montagem", relata a atriz.

Já existe a possibilidade de o grupo, com Larissa, Caio e Ângela Rabello, tornar-se uma companhia. "Oficial ainda não é. Mas esta relação de grupo já está firmada", assegura Larissa, que assina a produção da montagem e se diz satisfeita com a bilheteria. Todas as três sessões estão praticamente esgotadas: Larissa Bracher não descarta a possibilidade de começar um projeto, ainda este ano, com as atrizes Cynthia e Débora Fala-bella: "Por enquanto, a idéia está embrionária".

No começo do século passado

Isadora Duncan e João do Rio juntos em Ipanema



DIVULGAÇÃO

A peça: texto de Caio de Andrade

Caio de Andrade gosta de história. E gosta de misturá-la com ficção. Faz isso bem. Ganhou, com o espetáculo *Os Olhos Verdes do Ciúme*, ambientado no Brasil imperial, o Prêmio Governo do Estado do Rio de Janeiro. Com o infanto-juvenil *O Jeca Voador e a Corte Celeste*, que se passava nos anos 20, levou o Prê-

mio Maria Clara Machado. Tudo no ano passado. O autor se aventura novamente pelos primeiros anos do século XX, em uma história que reúne, na Ipanema que começava a ser descoberta e loteada, em 1916, a dançarina Isadora Duncan e o cronista João do Rio. A peça *Deserto Iluminado* estreia na quinta (17), 19h30, e reabre o Teatro I do Centro Cultural Banco do Brasil, após quatro meses de reformas.

Caio parte do encontro verídico entre Isadora Duncan e João do Rio para contar sua história, uma trama que tem um pé no romance policial. Além da dançarina (Angela Rebello) e do cronista (Xando Graça), encontram-se em um pier em Ipanema o casal burguês formado por Roberto Bomtempo e Larissa Bracher e o artista plástico europeu vivido por Leonardo Brício. “Falo de um momento em que o Rio e os cariocas passaram por transformações. No plano urbano, houve as reformas de Pereira Passos. No cultural, a chegada de estrangeiros fugidos da I Guerra Mundial”, conta Caio, que também dirige o espetáculo.

DESERTO ILUMINADO. Estréia qui. (17), 19h30. *Teatro I do CCBB* (175 lugares). 110min. Rua Primeiro de Março, 66, Centro, ☎ 3808-2020. Qua. a dom., 19h30. R\$ 10,00. ■

TEATRO

A bailarina e o cronista no Rio de 1916

Roberta Oliveira

O DIRETOR CAIO de Andrade nutre um sonho especial: ele gostaria de ter presenciado pelo menos uma das conversas da bailarina americana Isadora Duncan com o cronista Paulo Barreto, mais conhecido como João do Rio. Na impossibilidade de tornar a fantasia realidade, o autor de "Os olhos verdes do ciúme" — peça com a qual ganhou o Prêmio do Estado do Rio de Teatro, em 2001 — apelou para a ficção. Escreveu, assim, "O deserto iluminado", espetáculo que estreou

esta semana no Teatro 1 do Centro Cultural Banco do Brasil e cujo fio condutor é o encontro de Isadora (Angela Rebello) e João do Rio (Xando Graça) no Rio de 1916.

— Mas a peça não é nem sobre um nem sobre o outro — esclarece Caio, que também escalou Roberto Bomtempo para o elenco. — Ela busca referência em fatos históricos para tocar em temas que ainda hoje nos dizem respeito, como a transformação que é possível pela arte e a necessidade de ser livre para ser feliz.

Relação entre Isadora Duncan e João do Rio inspira 'O deserto iluminado', em cartaz no CCBB



● BOMTEMPO, ANGELA Rebello e Xando Graça: papos no Rio Antigo



Deserto Iluminado. Texto e direção de Caio de Andrade. Com **Ângela Rebello**, **Xando Graça** (foto), Roberto Bomtempo, Larissa Bracher e Leonardo Brício.

Grupo Corpo, nos seus 28 anos de trajetória, em turnê nacional com as coreografias **Santagustin** (2002; foto), trabalho mais recente da companhia, e **Benguelê** (1998).

EM CENA

Um triângulo amoroso no Rio de Janeiro, em 1916, provocado pela passagem da bailarina Isadora Duncan na cidade. O episódio envolve personagens fictícios e reais como o jornalista João do Rio.

O grupo volta a São Paulo com **Santagustin**, que trata do amor, misturando o hibridismo de movimentos, marca do grupo, a uma linguagem cênica bem-humorada. **Benguelê** risca do palco qualquer vestígio da técnica clássica para evocar ritmos afro-brasileiros.

O ESPETÁCULO

Centro Cultural Banco do Brasil Rio de Janeiro (rua Primeiro de Março, 66, Centro, Rio de Janeiro, RJ, tel. 0++/21/3808-2020). Até 28/9. De 4ª a dom., às 19h30. R\$ 10.

São Paulo (Teatro Alfa, tel. 0++/11/5693-4000), de 7 a 10 e 13 a 17. Belo Horizonte (Palácio das Artes, tel. 0++/31/3237-7399), de 20 a 24. Rio de Janeiro (Teatro Municipal, tel. 0++/21/2299-1717), de 28 a 31.

ONDE E QUANDO

Encontros entre personagens históricos sempre rendem boas histórias, e o Rio de Janeiro é privilegiado nesse aspecto. Juntar Isadora Duncan com João do Rio, o cronista da antiga capital, não deixa de ser interessante.

Pela oportunidade de rever uma companhia, que já é referência no cenário mundial da dança, em dois espetáculos bem distintos, o que possibilita vivenciar diferentes momentos do grupo e a consolidação de uma linguagem madura.

POR QUE IR

Em como a peça usa recursos do folhetim e a literatice do jornalismo da época em um enredo não necessariamente real, mas divertido. Faz parte do folclore carioca a presença de celebridades excêntricas.

Em **Santagustin**, no diálogo entre coreografia, trilha, iluminação e figurino, assinado por Ronaldo Fraga, que apresenta os bailarinos com "olhos fundos de quem não dormiu" e cabelos "envelhecidos pelo amor", como define o estilista.

PRESTE ATENÇÃO

O saboroso **Mademoiselle Cinema** (Editora Casa da Palavra, 168 págs., R\$ 24), "novela de costumes" de Benjamim Costalat (1897-1961), o romancista-cronista do Rio na sua transição para a modernidade. No clima do espetáculo.

Oito ou Nove Ensaios Sobre o Grupo Corpo (Cosac & Naify, 208 págs., R\$ 35), organizado por Inês Bogéa. O livro reúne ensaios sobre o grupo escritos por Arthur Nastrovski e Renato Janine Ribeiro, entre outros.

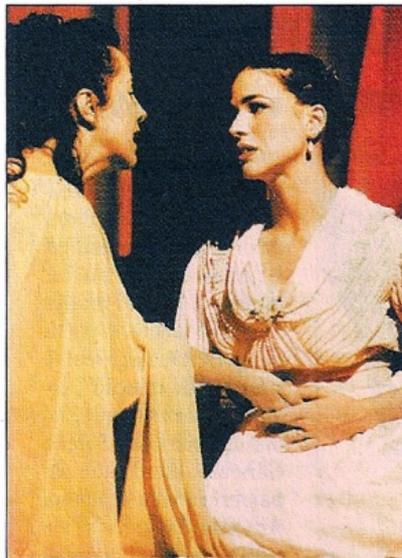
PARA DESFRUTAR

113

Libertos pela arte

RACHEL ALMEIDA

O dramaturgo Caio de Andrade tem uma mania: gosta de criar com base em fatos históricos. “Durante a fase de pesquisa de um espetáculo, costumo me deparar com acontecimentos peculiares que me instigam a montar o seguinte”, explica. Foi assim com *Deserto iluminado*, peça que marca a reabertura do Teatro 1 do CCBB, que passou por reformas. Para escrever o infanto-juvenil *Jeca voador e a corte celeste*, em cartaz no ano passado, Caio mergulhou na obra de cronistas brasileiros do começo do século 20. “Descobri que o escritor João do Rio e a bailarina Isadora Duncan se conheceram, no Rio, em 1916, e comecei a pesquisar sobre o assunto”, lembra. Mas o autor, que dirige a peça ao lado de Adriana Maia, avisa que *Deserto iluminado* não trata apenas do encontro dos artistas. “Construí a história de três personagens transformados pela arte”, conta ele, que comanda um elenco formado por Ange-



ANGELA REBELLO (D) vive Isadora Duncan

la Rebello, Larissa Bracher, Leonardo Brício, Roberto Bomtempo e Xando Graça.

— DESERTO ILUMINADO — Centro Cultural Banco do Brasil, Rua Primeiro de Março, 66, Centro (3808-2007). Cap.: 180 pessoas. 4ª a dom., às 19h30. R\$ 10. Duração: 1h45. Até 28 de setembro.

Revista Veja Rio - Nº 29 - 23 de Julho de 2003

Teatro de volta ao passado

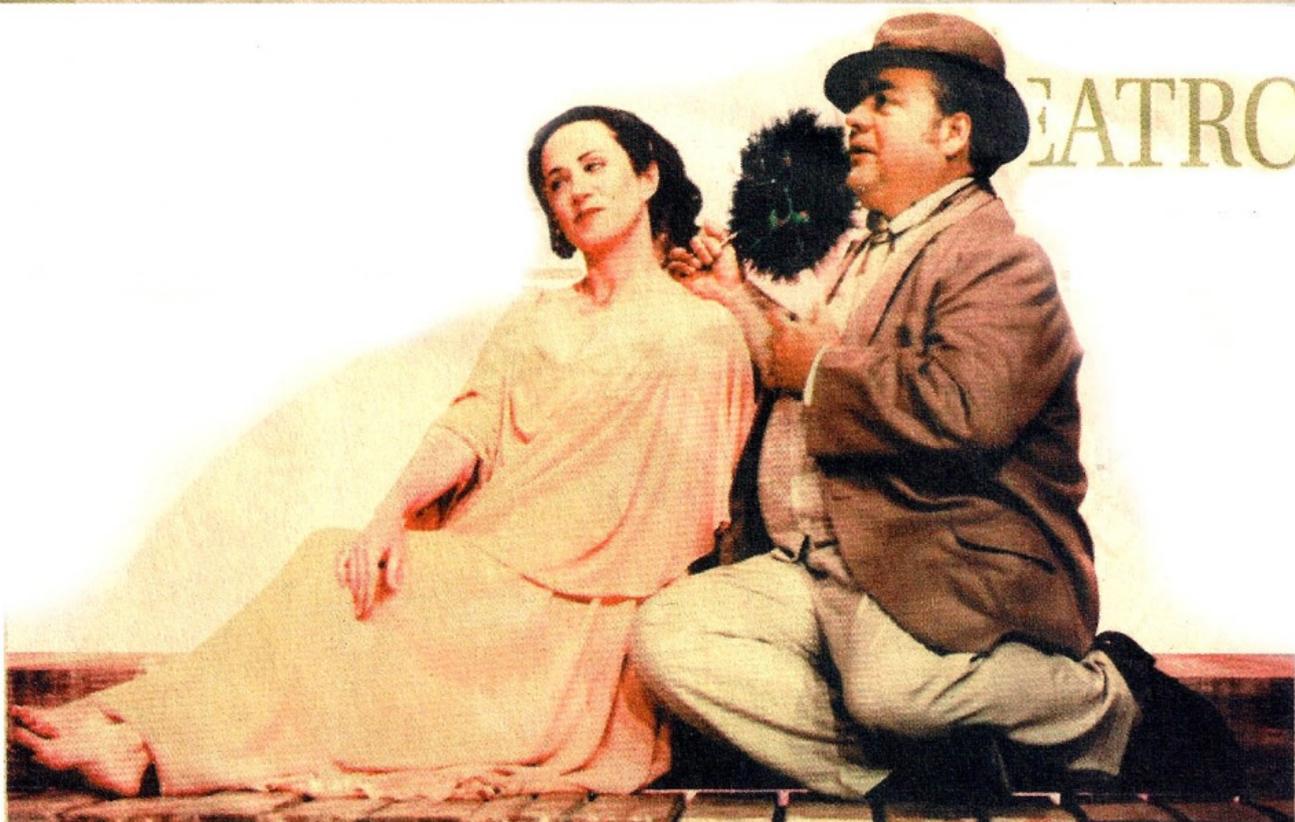
O caminho das peças inspiradas em personagens da história parece sem volta. Em *Deserto Iluminado*, no Teatro I do CCBB, **Caio de Andrade** desfia a trama a partir do encontro, verídico, de João do Rio com Isadora Duncan, no Rio de 1916. O autor já mergulha em nova pesquisa. Caio se inspira na relação da artista brasileira

Maria Martins com o dadaísta francês Marcel Duchamp, na Nova York dos anos 40.

“Não quero fazer algo didático. Quero discutir questões pessoais atemporais”, diz ele.



Caio: pesquisa de personagens históricos



Ícones inspiram peça

ELISA ROSA

A bailarina norte-americana Isadora Duncan e o jornalista e cronista João do Rio foram duas das personalidades mais conhecidas e polêmicas de sua época, cada qual em sua área. Os dois se encontraram no Rio de Janeiro em 1916, numa temporada até hoje misteriosa, e o magnetismo dessa rápida convivência dá o tom de "Deserto Iluminado", espetáculo que o diretor Caio de Andrade apresenta a partir deste final de semana no Centro Cultural Banco do Brasil. Inspirado pela liberdade de Isadora e pela astuta observação de João do Rio, Caio de Andrade explora a sociedade carioca do início do Século 20 por meio de três personagens fictícios, cujas vidas são marcadas pela influência da dupla.

João do Rio, vivido no palco por Xando Graça, é narrador e personagem de "Deserto Iluminado". O cronista carioca amarra cenas em flashback do encontro em 1916 com Isadora Duncan (Angela Rebelo) e mais três personagens, que protagonizam

FOTOS/DIVULGAÇÃO



ELISA ROSA

A bailarina norte-americana Isadora Duncan e o jornalista e cronista João do Rio foram duas das personalidades mais conhecidas e polêmicas de sua época, cada qual em sua área. Os dois se encontraram no Rio de Janeiro em 1916, numa temporada até hoje misteriosa, e o magnetismo dessa rápida convivência dá o tom de “Deserto Iluminado”, espetáculo que o diretor Caio de Andrade apresenta a partir deste final de semana no Centro Cultural Banco do Brasil. Inspirado pela liberdade de Isadora e pela astuta observação de João do Rio, Caio de Andrade explora a sociedade carioca do início do Século 20 por meio de três personagens fictícios, cujas vidas são marcadas pela influência da dupla.

João do Rio, vivido no palco por Xando Graça, é narrador e personagem de “Deserto Iluminado”. O cronista carioca amarra cenas em flashback do encontro em 1916 com Isadora Duncan (Angela Rebello) e mais três personagens, que protagonizam o drama da peça.

– A arte é agente transformador na vida das pessoas, inclusive na peça – defende Caio de Andrade. “Isadora Duncan passou fome na infância, perdeu três filhos e venceu como uma bailarina revolucionária, de grande talento, que rejeitava as convenções sociais. João do Rio, ou Paulo Barreto, introduziu a reportagem no jornalismo brasileiro, era mulato, obeso e homossexual, mas também venceu por sua genialidade e brilhantismo. O encontro dos dois representa o encontro da vitória por meio da arte. Vitória que influenciou casais como o que criei em “Deserto Iluminado” – conta Caio de Andrade.

O casal burguês – formado pelo Barão de Porto Belo, Juliano Prado (Roberto Bomtempo), e sua jovem esposa Amália (Larissa Bracher) – apesar da aparente alegria, carrega a dor de não conseguir ter filhos, em função da provável esterilidade do marido. A rotina de ambos é mudada pela convivência com João do Rio, pelo sérvio Kóstya Olbrzimeck (Leonardo Brício), amigo de Juliano Prado, e pelo pensamento libertário de Isadora Duncan. Com a gravidez de Amália, depois da chegada de Kóstya, a relação do casal fica abalada e os holofotes da trama recaem sobre o destino dos burgueses que se amam. A recém-habitada Ipanema é o cenário para os diálogos e ações da peça.

A escolha de João do Rio e Isadora Duncan aconteceu por acaso, quando Caio de Andrade fazia a pesquisa para a peça “Jeca Voador e a Corte Celeste”, montagem que retrata o Brasil após a Primeira Guerra Mundial, com a qual ganhou o prêmio Maria Clara Machado em 2001. “Foi pesquisando sobre as primeiras décadas do Século 20 que soube da

FOTOS/DIVULGAÇÃO



ISADORA ESTIMULA KÓSTIA (BRÍCIO) E AMANDA (LARISSA)

curta temporada de Isadora Duncan na cidade e do encontro com João do Rio. A partir daí, li a biografia dos personagens e descobri que ambos só sobreviveram às dificuldades porque faziam arte. Passei cinco meses mergulhado na obra deles”, conta.

Segundo Caio de Andrade, trabalhar com personagens históricos não limita o enredo – ao contrário, cria novas possibilidades de contar.

– Tento sempre aproveitar o espaço lúdico do teatro para inserir elementos da história do País – explica o dramaturgo. “Não fico estagnado em fatos que realmente aconteceram, crio um mundo a partir deles. É uma possibilidade de revisitar o passado e compreender o presente”, afirma.

SERVIÇO

“Deserto Iluminado”

Até 28 de setembro

Centro Cultural Banco do Brasil

Rua Primeiro de Março, 66 – Centro

Telefone: 3808-2020

De quarta-feira a domingo, às 19h30

Ingresso: R\$ 10

ARTES

TEATRO

A felicidade sem regras

“O Deserto Iluminado” capta presença da genial Isadora Duncan no Brasil

GISELE TEIXEIRA
de Brasília

Ipanema, 1916. João do Rio, um dos mais famosos cronistas brasileiros, recebe Isadora Duncan, a musa da dança, que passa pela cidade cumprindo sua primeira e única turnê pela América do Sul. Este insólito encontro é o ponto de partida para o espetáculo “Deserto Iluminado”, cuja estréia nacional aconteceu no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), em Brasília. A direção é do dramaturgo Caio de Andrade, que misturou pesquisa histórica com ficção e acrescentou pitadas de mistério. O elenco inclui nomes conhecidos do grande público, como o dos atores Leonardo Brício e Roberto Bomtempo, e ainda Angela Rebello, Larissa Bracher e Xandro Graça.

A história da concepção de “Deserto Iluminado” é resultado de mais de um ano de pesquisa de Caio de Andrade sobre a persona-

lidade de João do Rio. “Ele era o grande cronista da época, responsável por introduzir a reportagem no jornalismo brasileiro, um homem à frente de seu tempo. Também conhecia de perto o preconceito: era gay, mulato e obeso”, diz Caio. Para o ator Xandro Garcia, que interpreta o personagem, outra característica marcante de João do Rio era o humor sarcástico, quase ferino. “Mas que vinha acompanhado, incrivelmente, de muita amorosidade”, diz.

Foi lendo sobre João do Rio que Caio de Andrade soube do encontro do cronista com a bailarina norte-americana, em agosto de 1916, após ela ceder o prédio de sua escola, em Paris, para ser hospital de guerra. Coreógrafa inovadora, Isadora mudou os conceitos da dança moderna ao rejeitar as sapatilhas e as roupas pesadas, dançando descalça e em túnicas de seda. Exatamente em um momento em que o balé russo era a grande sensação.



Inovadora, Isadora mudou os conceitos da dança moderna

“Nikinski tinha estado no Brasil em 1913”, comenta Caio.

Como João do Rio, Isadora teve uma vida pessoal intensa. Foi acusada de imoral, pois acreditava que as mulheres deviam ser livres para amar e ter filhos à vontade, sem entraves do casamento. Chegou a dançar grávida sem estar casada. “Ela era um escândalo para a época”, acrescenta a atriz Angela Rebello, que interpreta a dançarina.

O diretor destaca que há poucos registros do encontro das duas per-

sonalidades. “Sabe-se por meio de jornais, por exemplo, que Isadora se apresentou no Teatro Municipal e que eles jantaram na Lapa, mas não muito mais que isso”, diz. As pegadas, no entanto, foram suficientes para que Caio cruzasse as informações e as transformasse em texto teatral.

O pano de fundo é a capital carioca do início do século passado, “que imitava a Europa, era ainda provinciana, mas passava por uma grande transformação, com as refor-

mas urbanísticas implementadas no Rio de Janeiro, vivendo tardiamente uma Belle Époque”, explica Caio. E o enredo, a revolução que João do Rio e Isadora provocam na alma e, conseqüentemente, na vida de um casal burguês da época.

A peça está centrada em cinco personagens, “todos com o mesmo peso”, faz questão de ressaltar Caio. Além de Isadora e João do Rio (Xandro Graça), seu cicerone em terras brasileiras, há ainda Kóstya Olbrzimeck (Leonardo Brício), um jovem sérvio, vindo igualmente da guerra e envolvido desde tenra idade com os conflitos nos Bálcãs. O trio tem amigos em comum: o barão e a bela baronesa de Porto Belo, Juliano (Roberto Bomtempo) e Amália (Larissa), jovem e aristocrático casal carioca, comerciantes de diamantes.

Juliano e Kóstya foram amigos quando ambos moraram em Paris. Isadora e Kóstya também já se conheciam. Trabalharam juntos no Teatro Nacional Húngaro, em 1903, quando mantiveram um rápido e inconseqüente envolvimento afetivo. Kóstya veio para o Brasil trabalhar para Amália e Juliano, que estão montando uma elegante loja na Rio Branco. Ele pede então ao casal que construa, no inóspito areal de Ipanema, um ateliê, diante do mar — Kóstya, além de ativista, cria jóias e é cenógrafo.

É lá, naquele deserto, que tudo acontece. O cenário é um pier, onde funciona o ateliê, e o mar, o sexto personagem da peça. “Uma equipe passou vários dias gravando o som da água na praia e conseguiu captar, inclusive, as explo-

sões do mar nas pedras durante a ressaca que se abateu sob o Rio de Janeiro no final de maio último”, conta o diretor. “Quando incluímos o som do mar nos ensaios, o ritmo da peça mudou completamente”, informa Caio.

O enredo gira em torno de um ponto comum entre Amália e Isadora: o sonho de ser mãe. A dançarina acaba de passar por uma tragédia — a morte de seus dois pequenos filhos num acidente de carro, quando as duas crianças morrem afogadas no rio Sena, em Paris. Isadora já havia perdido outros filhos, mortos logo após o nascimento. Amália ainda não conseguiu engravidar e passa por um tratamento que levanta uma grave e surpreendente suspeita: o marido de Amália pode ser o detentor do problema que impede o casal de ter filhos.

Isadora aconselha a jovem amiga a perseguir seu sonho, engravidar mesmo diante da provável impossibilidade do marido. Ao mesmo tempo, Amália é acusada por jornais sensacionalistas de ser amante de Kóstya. E então aparece grávida. O que terá acontecido? Amália entregou-se a Kóstya? O tratamento deu certo?

O “mistério” será desvendado com o auxílio do delegado Sabiá, também interpretado por Xandro Graça, e pelo Inspetor Fontini (Roberto Bomtempo). “A idéia é discutir as rígidas regras da felicidade burguesa, que só se realiza dentro dos moldes preestabelecidos, negando qualquer maneira de alcançar a realização fora de rígidos princípios”, finaliza Caio. ■

TEATRO

A DIVA



E O DÂNDI

De passagem pelo Brasil em 1915, a bailarina norte-americana Isadora Duncan se encantou com o cronista João do Rio. Até hoje ninguém sabe se a admiração recíproca evoluiu para romance. Especulações à parte, os dois personagens estão na peça *Deserto iluminado*, em cartaz neste mês no CCBB-Brasília.

Rodrigo Alves

De todas as pessoas que conviveram com a diva norte-americana Isadora Duncan durante sua viagem ao Brasil, em 1915, apenas uma mereceu registro em seu livro de memórias: "Aí conheci o poeta João do Rio. [...] Quando passeávamos juntos, éramos seguidos pela rapaziada que gritava: Viva Isadora! Viva João do Rio!" O encontro em solo carioca despertou um fascínio mútuo entre o cronista e a bailarina. A afinidade foi tão grande que, quase um século depois, ainda se discute se os dois tiveram um envolvimento amoroso ou se ficaram apenas no flerte intelectual.

Neste mês, João e Isadora reaparecem como personagens da peça *Deserto iluminado*, no Centro Cultural Banco do Brasil em Brasília. Em julho, a montagem segue para o Rio de Janeiro. O romance, entretanto, não entrará em cena. O autor e diretor Caio de Andrade optou por não tocar no assunto e levou o enredo por outros caminhos. Em meio ao viés policial da trama, a dupla vai dividir o palco com três figuras fictícias: um artista sérvio e um casal de aristocratas.

Apesar de não entrar no mérito da discussão, Caio admite que a ideia do texto surgiu justamente após ter tomado conhecimento da controversa relação entre a diva e o dândi. Há dois anos, quando fazia uma pesquisa sobre os primeiros anos do século 20, o diretor esbarrou acidentalmente na história. "Resolvi brincar um pouco com essas duas celebridades, mas na peça eles são apenas dois amigos coloridos", explica, ressaltando que não acredita na possibilidade de o romance ter se consumado. "Eles tinham muito em comum, eram personalidades ao mesmo tempo desejadas e repelidas. Acho que foi muito mais uma coisa de almas gêmeas do que uma relação de fato. Até porque João do Rio era homossexual assumido."

É sabido que Isadora se envolveu anteriormente com gays, o que derruba esta teoria e contribui para tornar o caso ainda mais nebuloso. Conta-se que, certo dia, ela interpelou o cronista sobre sua conhecida preferência sexual. O poeta, sem perder a pose, teria respondido

em francês: *Je suis très corrompu*, que, numa tradução livre, pode ser entendido como "Eu sou muito depravado".

Como o texto da peça não faz referência ao *affair*, os atores que interpretam a dupla no CCBB estão alheios à polêmica, mas nem por isso ficam em cima do muro. "Acho que concretamente não houve nada. O que existiu foi um fascínio muito grande", diz o "João" Xando Graça. A "Isadora" Angela Rebello tem opinião semelhante: "Pode até ser que tenha acontecido, mas eu ainda não encontrei uma pista muito clara de um romance entre eles."

Libertária e dona de uma personalidade forte, Isadora Duncan embarcou para a turnê na América Latina pouco tempo depois de perder dois filhos num acidente de automóvel. Após fechar a escola de dança que mantinha em Paris — mais tarde transformada num hospital para cuidar de vítimas da Primeira Guerra —, ela passou pela Argentina e pelo Uruguai antes de chegar ao Brasil. João do Rio, que já havia visto uma apresentação da diva na Europa, fez as honras do país e se revelou um cicerone exemplar.

A arte inovadora e a postura ousada de Isadora cativaram não só João, mas todo o Rio de Janeiro. A mesma admiração foi notada em boa parte dos artistas e dos intelectuais europeus, entre eles o escultor Rodin e o ator húngaro Oszkár Beregi. Em visita a Budapeste no período em que Beregi interpretava Romeu no teatro, a bailarina foi seduzida pelo ator — tão romântico quanto seu personagem — e, aos 25 anos, perdeu a virgindade. Tardamente, para seus padrões libertários.

O encanto irresistível fez outras vítimas no Brasil. Comenta-se que Oswald de Andrade também manteve um convívio misterioso com Isadora em São Paulo. O próprio Oswald chegou a confirmar publicamente o caso. "Pode ter sido bravata", desconfia o jornalista

João Carlos Rodrigues, biógrafo de João do Rio. "O fato é que João foi o único citado por ela em seu livro de memórias", lembra.

Na biografia que publicou pela editora Topbooks, Rodrigues reproduz um depoimento do escritor Gilberto Amado, que participou de uma ceia íntima com o cronista carioca e a artista norte-americana: "Fui o único convidado. Horas interessantes! Que espetáculo a conversa de duas celebridades, a mundial e a brasileira!" Segundo Amado, Isadora vestia os trajes de sempre: uma túnica leve e transparente, sem nada por baixo. No mesmo texto, ele narra o famoso banho na Cascatina da Tijuca (que outros dizem ter acontecido na praia de Ipanema): "Ao subirmos para a grande laje que se arredonda sob o jorro d'água, que naquele tempo caía forte, Isadora atordou-se com o vozeiro assustador da mata. [...] Descemos ao amanhecer, após haver feito a volta toda da Tijuca, mergulhados os três numa grande sonolência, a dançarina com os cabelos soltos no ombro do jornalista."

Decepcionada com Buenos Aires e Montevideu, a diva se encantou com as belezas do Rio de Janeiro. Ficou hospedada num pequeno hotel em Santa Theresa, onde teria encontrado João do Rio em diversas ocasiões. A permanência durou pouco mais de uma semana, mas foi suficiente para mudar a rotina da cidade. Na despedida do Teatro Municipal, Isadora fez uma apresentação histórica, na qual o público à chamada de volta ao palco por mais de 30 vezes.

No dia seguinte, pegou um trem para São Paulo, onde foi recebida por Oswald. Ainda retornou ao Rio antes de seguir viagem para Nova York, levando com ela um segredo que até hoje dá o que falar. "Ninguém pode dizer se o romance aconteceu ou não", conclui João Carlos Rodrigues. "Mas a graça é justamente esse mistério."



Angela Rebello e Xando Graça (à direita) interpretam Isadora Duncan e João do Rio na peça *Deserto iluminado*. O elenco se completa com Roberto Bontempo (à frente), Larissa Bracher e Leonardo Brício.

Deserto Iluminado
CCBB-Brasília
Teatro - 5 a 22 Jun
CCBB-Rio
Teatro I - 16 Jul a 28 Set

teatro

'Deserto iluminado' Elegância e sensibilidade

André Borges

O que restaria a uma mulher que perde dois filhos afogados e um terceiro logo após seu nascimento? Enlouquecer, talvez. Ou buscar a própria salvação através da arte e da superação de todos os preconceitos. Foi o que fez a bailarina norte-americana Isadora Duncan, atitude semelhante à adotada por João do Rio, que apesar de mulato, homossexual e de origem humilde, tornou-se o principal cronista de sua época e um dos expoentes do Modernismo Brasileiro.

E como ambos se encontraram no Rio, em 1916, Caio de Andrade aproveitou o fato para criar uma trama que, tendo como pano de fundo um suposto crime, permite à platéia travar contato com estas duas brilhantes personalidades. Em cartaz no CCBB, a montagem tem direção do autor e elenco formado por Xando Graça, Angela Rebello, Leonardo Brício, Roberto Bomtempo e Larissa Bracher.

Tendo como narrador o próprio João do Rio, o texto conquista a platéia sobretudo por seu humor e inteligência, muito valorizados pela elegância e sensibilidade com que Caio de Andrade conduz a cena. Mas a grande empatia que se estabelece entre palco e platéia também se deve à ótima atuação do elenco.

Angela Rebello esbanja doçura e sensualidade na pele de Isadora, com Xando Graça privilegiando de forma irretocável tanto a ironia (quando vive João do Rio) como a boçalidade (Delegado Sabiá). Roberto Bomtempo também faz dois papéis de forma igualmente convincente (Barão de Porto Belo e Inspetor Fontini), a



Angela Rebello e Leonardo Brício: ótimas atuações

mesma eficiência presente nas atuações de Larissa Bracher (Amália Prado, esposa do Barão) e Leonardo Brício (Kóstya Olbrzimeck, pintor e ex-amante de Isadora).

Na equipe técnica, Sérgio Marimba assina uma cenografia abstrata que atende a todas as exigências da ação. Ernani Peixoto responde por figurinos belíssimos, em total consonância com a personalidade e condição social dos personagens. Igualmente irreprensíveis a iluminação de Renato Machado, a trilha sonora do diretor e a preparação corporal do elenco, feita por Andrea Jabor.

DESERTO ILUMINADO - Texto e direção de Caio de Andrade. Com Angela Rebello, Xando Graça e outros. Teatro I do CCBB. Ver dias e horários no Roteiro Carioca, na página 4.

Karla Watkins

A cena da bailarina americana Isadora Duncan dançando ao luar em uma cachoeira, na Floresta da Tijuca do Rio de Janeiro, não é para qualquer par de olhos. Mas foi para o do cronista João do Rio no início do século 20. O encontro foi breve, passou praticamente despercebido. Mas trouxe à tona a curiosidade gritante na cabeça de Caio de Andrade.

Brevemente documentado em livro de Gilberto Amado, esse encontro, ocorrido após um jantar no apartamento da Lapa do cronista, inspirou o dramaturgo e diretor. Fascinado pelas possíveis conversas e discussões entre pessoas tão "instigantes e transformadoras", Caio mergulhou em estudos e biografias da famosa bailarina, textos do contista e documentos históricos da primeira guerra industrial da história, ocorrida durante a primeira e única turnê da dançarina pela América do Sul. Nove meses depois, estava pronto *Deserto Iluminado*, que faz a estréia nacional hoje em Brasília.

O espetáculo está centrado em cinco personagens: a própria Isadora Duncan (Angela Rebello), o artista plástico europeu Kóstya Olbrzimeck (Leonardo Brício) - amante da bailarina, quando ambos trabalharam no Teatro Nacional Húngaro, em Budapeste, em 1903 - o jornalista, conferencista, ensaísta, dramaturgo e cronista João do Rio (Xandro Graça) e a casal Juliano (Roberto Bomtempo) e Amália (Larissa Bracher), jovem e aristocrático casal carioca que atravessa período angustiante em suas vidas por não poderem ter filhos.

"É uma peça muito hormonal. Muitos desejos obscuros, affairs reavivados", conta o diretor, na cidade há cerca de 10 dias. "Outra coisa que sempre ressalto é que a questão da maternidade é algo muito forte, tanto na peça quanto na vida da Isadora. Ela perdeu quatro filhos, todos de maneiras bastante trágicas. Aproveite esse gancho da vida

dela com o fato da baronesa não poder ter filhos. João do Rio entra na história da seguinte maneira: ele é o grande narrador. O público ouve a história através dele e para isso se tornar mais real estudei muito, li muitos contos e ensaios dele para tentar dar um toque no texto como se fosse ele quem tivesse escrevendo".

Sem conteúdo didático, o texto de mote histórico dá continuidade à marca do trabalho do diretor, de trazer à luz episódios pouco conhecidos da história brasileira. Com vários prêmios e indicações, Caio procura sempre sedimentar suas tramas em fatos históricos - como em *Jeca Voador* e *Corte Celeste*, ambos sobre o pré-Modernismo, onde se deparou com João do Rio pela primeira vez. "O texto aqui não é histórico, didaticamente falando", explica. "Nos faz revisitar o passado para compreender melhor o presente discutindo questões contemporâneas de uma forma mais 'popular'. É como uma parábola, onde se pode se apresentar um monte de idéias, ideologias e questões de uma forma lúdica - parte do papel do teatro hoje em dia. Acho que esse distanciamento histórico ajuda as pessoas a entenderem melhor os episódios ocorridos".

O diretor e atores cariocas se dizem honrados e ansiosos para experimentar o público candango. "É costumeiro dizer que fazer estréia fora da cidade natal é fazer estréia sem muito compromisso, mas não concordamos muito com isso", diz Caio. "A crítica no Rio é feroz, mas são tantas estréias em um só fim de semana que o nosso trabalho até que se dilui, de certa forma. Então acho que a expectativa é até maior estreiar fora de casa. E tem mais, ouvi dizer que o público de Brasília também é bastante duro".

Serviço:

■ Deserto Iluminado

Direção e texto: Caio de Andrade. Com Leonardo Brício, Roberto Bomtempo, Angela Rebello, Larissa Bracher e Xandro Graça. Centro Cultural Banco do Brasil (SCES trecho2 conj 22). De hoje a domingo, às 21h. Ingressos: R\$ 15 (inteira) e R\$ 7,50 (meia).

Mergulho no passado

ENCONTRO ENTRE O CRONISTA JOÃO DO RIO E A NÃO MENOS LENDÁRIA DANÇARINA ISADORA DUNCAN INSPIRA *DESERTO ILUMINADO*, QUE TEM ESTRÉIA NACIONAL NA CIDADE



Leonardo Brício, Angela Rebello e Xandro Graça contracenam na peça de Caio de Andrade

TEATRO

ANDRÉ BORGES/DIVULGAÇÃO



Os atores de "Deserto Iluminado", peça que será apresentada no Teatro Alterosa

O Rio um pouco mais avançado do que a belle époque

"DESERTO ILUMINADO", ESPETÁCULO DE CAIO DE ANDRADE, COLOCA EM CENA O RIO DE JANEIRO DE 1916

PABLO PIRES
REPÓRTER

O Rio de Janeiro em 1916 era o Rio da belle époque, onde se gestava a modernidade que o país viveria na década seguinte. Mas alguns personagens que circulavam pelas ruas da cidade já viviam de maneira progressista e ousada. Um deles era o escritor e cronista João do Rio e outro, de passagem pela cidade, foi a bailarina norte-americana Isadora Duncan. O encontro real entre os dois artistas é o ponto de partida do dramaturgo e diretor Caio de Andrade na criação da peça "Deserto Iluminado".

O espetáculo chega a Belo Horizonte após temporada no Rio de Janeiro e Brasília e tem no elenco Roberto Bomtempo, Larissa Bracher, Alexandre Moffati, Angela Rebello e Xando Graça, os dois últimos vivendo os ditos personagens.

O diretor conta que a peça busca explorar o encontro de pessoas despidas de preconceito com um casal de tradicionais burgueses da época. "Quis mostrar que tipo de luz essas pessoas jogam sobre a vida das pessoas que vivem dentro do esquema rígido da sociedade", afirma Andrade. "Deserto Ilumina-

do" se passa em um píer na praia da então longínqua Ipanema. Alternando humor e intensa dramaticidade, a peça é "um espetáculo solar, mas também com reentrâncias e momentos de escuridão", diz o diretor.

AGENDA - "Deserto Iluminado", autoria e direção de Caio de Andrade. Hoje e amanhã, às 21h, e dom., às 19h. No Teatro Alterosa (av. Assis Chateaubriand, 499, Floresta, 3237-6611). Classificação: 14 anos. Ingressos a R\$ 20 (meia extensiva a todas as categorias).

DESERTO ILUMINADO - CHEGA AO RIO DE JANEIRO

Em 1916, a humanidade vive uma experiência sem precedentes: a primeira guerra industrial experimentada pelo homem. Quase todo o mundo está envolvido no conflito que inaugurou, entre outras coisas, o uso de armas químicas, ataques com gases venenosos que contaminam o ar de maneira fatal, queimando os pulmões e provocando imediata asfixia. Nas trincheiras da Europa, soldados de vários países convivem com o pavor, com os ratos e corpos em decomposição. Isadora Duncan, a celebrada dançarina, doa o prédio de sua escola, em Paris, para ser transformado em hospital de guerra e vem para sua primeira e única excursão pela América do Sul, começando pela Argentina e passando pelo Rio de Janeiro. No Brasil, encontra-se com o cronista João do Rio. A partir deste contexto, o dramaturgo Caio de Andrade concebeu *Deserto Iluminado*.

A história da concepção de *Deserto Iluminado* começou com uma pesquisa de Caio de Andrade sobre a personalidade de João do Rio, considerado o grande cronista da época; um homem que conhecia de perto o preconceito – era gay, mulato e obeso. João foi responsável por introduzir a reportagem no jornalismo brasileiro. "Retratava o grand monde e o bas-fond da época", explica o dramaturgo. Lendo sobre João do Rio, Caio de Andrade soube do encontro do cronista brasileiro com a bailarina norte-americana, em agosto de 1916, no Rio de Janeiro. Começou a vasculhar tudo, leu biografias, cruzou informações sobre os dois. O resultado foi transformado em texto teatral.

O espetáculo

Ipanema, 1916. João do Rio (Xandro Graça), nosso mais festejado cronista recebe Isadora Duncan (Angela Rebello), a musa da dança, que passa pela cidade cumprindo sua turnê pela América do Sul. En-

tre encontros e festas regados a champagne, um inesperado acontecimento aguarda pelas duas celebridades que se envolvem num trágico triângulo amoroso formado pelo aristocrata Juliano Prado (Roberto Bomtempo) – Barão de Porto Belo –, sua jovem esposa Amália (Larissa Bracher) e um enigmático amigo do casal, o artista plástico Kóstya Olbrzimeck (Leonardo Brício).

Juliano e Kóstya foram amigos quando ambos moraram em Paris. Isadora e Kóstya também já se conheciam. Trabalharam juntos no Teatro Nacional Húngaro, em 1903, quando mantiveram um rápido e inconsequente envolvimento afetivo.

Kóstya veio para o Brasil trabalhar, como cinzelador, para Amália e Juliano, que estão montando uma elegante loja no Rio Branco.

Ele pede então ao casal que construa, no inóspito areal de Ipanema, um ateliê, diante do mar. É lá, naquele deserto, que tudo acontece.

A doce Amália e a surpreendente Isadora, mulheres de vidas diferentes, partilham o mesmo sonho: o de ser mãe. A dançarina acaba de passar por um funesto momento de sua existência, a morte de seus dois pequenos filhos num acidente: o carro que os conduzia caiu no rio Sena, em Paris.

Isadora já havia perdido outros filhos, mortos logo após o nascimento.

Amália ainda não conseguiu engravidar, mesmo estando casada há mais de cinco anos.

A jovem esposa do barão está passando por um tratamento sob a orientação de um médico que levanta uma grave e surpreendente suspeita: o marido de Amália pode ser o detentor do problema que impede o casal de ter filhos.

Amália ama Juliano, que tem por Kóstya um amor de irmão, que tem por ambos um carinho sem medida. Isadora, sem



Foto: André Borges

vínculos com a esmagadora moralidade vigente – era totalmente contra o casamento –, fica conhecendo a angústia de Amália e aconselha a jovem amiga a perseguir seu sonho, engravidar mesmo diante da provável impossibilidade do marido.

Amália, por sua vez, encanta-se com a instigante personalidade de Kóstya e, perversamente, é transformada pelos jornais sensacionalistas em sua possível amante.

O barão recusa-se a acreditar num envolvimento entre seu fiel amigo e sua amorosa esposa até que Amália aparece grávida.

O que terá acontecido?

Amália entregou-se a Kóstya tentando realizar seu desejo?

Pensou em salvar seu casamento com o barão?

O tratamento a que ela estava sendo submetida finalmente deu resultado?

Kóstya traiu seu grande amigo Juliano?

Essas perguntas serão respondidas durante o espetáculo, arduamente conduzido por Paulo Barreto, ou João do Rio, que também brincará de fazer um personagem muito divertido: o

delegado Sabiá, que, juntamente com o Inspetor Fontini, vai ajudar a desvendar o mistério.

Elenco:

Angela Rebello
(Isadora Duncan)
Larissa Bracher
(Amália Prado)
Leonardo Brício
(Kóstya Olbrzimeck)
Roberto Bomtempo
(Juliano Prado e Inspetor Fontini)
Xandro Graça
(João do Rio e Delegado Sabiá).

SERVIÇO

**CENTRO CULTURAL
BANCO DO BRASIL**
Rua Primeiro de Março, 66
Teatro I
Temporada: até 28 de setembro
Dias: Quarta a Domingo
Horário: 19:30h

A salvação pela arte

Daniel Schenker Wajnberg

Se o público brasileiro se deparou em determinado momento com a quase ausência de autores nacionais, esta carência já vem sendo parcialmente suprida com as apresentações de trabalhos de dramaturgos de, até então, pouca visibilidade no Rio de Janeiro (como Bosco Brasil e Mario Bortolotto) e com os diversos projetos desenvolvidos no sentido de fomentar o surgimento de uma “nova escrita”. Entre os destaques recentes está o nome de Caio de Andrade, que ganhou destaque especial há poucos anos - quando despontou com a boa montagem de “Os olhos verdes do ciúme”, laureada com o Prêmio Governador do Estado e indicada para o Prêmio Shell. Agora Caio retorna à cena assinando texto e direção de “Deserto iluminado”, espetáculo em cartaz no Teatro I do Centro Cultural Banco do Brasil (R. Primeiro de Março, 66) com elenco formado por Angela Rebello, Larissa Bracher, Leonardo Brício, Roberto Bomtempo, Xando Graça.

Há pontos de contato entre a criação anterior e a atual, que mostra o encontro de duas célebres figuras - a bailarina americana Isadora Duncan e o jornalista Paulo Barreto, mais conhecido como João do Rio,

que, de fato, se conheceram, em 1916, na vinda dela ao Brasil. Permanece a utilização de um mote histórico como instrumento na transmissão de um olhar sobre a contemporaneidade.

E do que Caio de Andrade pretende tratar especificamente em “Deserto iluminado”? “De pessoas que foram salvas pela arte. Isadora pagou um preço alto por seu espírito libertário. Perdeu dois filhos afogados - um deles fruto de seu relacionamento com Gordon Craig. Engravidou novamente e tem um bebê que falece logo após o nascimento. Não há dúvida de que sucumbiria se não contasse com a arte. João do Rio foi um pré-modernista, um cronista da sociedade burguesa mas também revelador do bas-fond da cidade. Enfrentou preconceitos por ser mulato e homossexual e declarou que a arte foi o seu grande trampolim e também o salva-vidas”, afirma Caio de Andrade.

Em cena, Isadora e João ganham a companhia de um personagem, o sérvio Kóstya Olbrzimeck. “Através dele, queria tocar na dor da guerra, tratar de alguém que conseguiu se libertar de fantasmas e virar artista plástico. São três artistas, três luzes, que se salvam e interferem diretamente na vida de um casal burguês carioca (Juliano Prado, o

Barão de Porto Belo, e sua esposa, Amália) numa história que se passa num pier em Ipanema (um deserto nas primeiras décadas do século XX)”, explica.

A fusão entre realidade e ficção e a escrita movida pela curiosidade refletem a trajetória profissional de Caio de Andrade, jornalista de formação e influenciado por uma família composta, em boa parte, por professores de história. “Sempre fui fascinado por mergulhos no tempo, curioso em saber a causa das coisas. Desloco o espectador para um tempo com o qual não está diretamente conectado, mas que diz respeito à vida de cada um de maneira mais ampla, e acabo conseguindo uma aproximação lúdica e colorida”, declara Caio, que vem desenvolvendo, em parceria com o CCBB, o projeto “História em cena”, composto de montagens infanto-juvenis que resgatam determinados períodos do século XX.

Assim, “O mandarim do imperador” revisa os primeiros anos da República, “A rua da fortuna” mostra o Rio de Janeiro pré-Primeira Guerra tomado por um fluxo migratório e “O Jeca Voador e a corte celeste” flagra a movimentação de um Brasil que culminaria na Semana de Arte Moderna. Todos os espetáculos visam a formação de platéias e são



Angela Rebello e Larissa Bracher na nova peça de Caio de Andrade

apresentados, de terça a sexta-feira, para escolas. O “História em cena” acabou levando Caio de Andrade para Londres, onde acompanhou projetos em teatro-educação de renomadas companhias inglesas, como a Royal Shakespeare Company, o Royal Court Theatre e o National Theatre.

DESERTO ILUMINADO - Texto e direção de Caio de Andrade. Com Leonardo Brício, Larissa Bracher, Angela Rebello, Roberto Bomtempo e Xando Graça. Teatro I do Centro Cultural Banco do Brasil (R. Primeiro de Março, 66 - tel: 3808-2007). De qua. a dom. às 19h30. Ingressos: R\$ 10.

Divulgação